

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada
Internacional
Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

A CRÍTICA LATINOAMERICANA AO DESENVOLVIMENTO E SUA IDEOLOGIA: LÓGICAS PÓS-DESENVOLVIMENTISTAS, O BEM-VIVER E OUTRAS FORMAS DE SER E ESTAR NO MUNDO COMO ENFRENTAMENTO ÀS AMEAÇAS DO ANTROPOCENO E PARA ALÉM DO CAPITAL

Tauan de Almeida Sousa¹

Jonadabe Gondim Silva²

RESUMO

O texto a seguir discute a respeito do desenvolvimento econômico a partir de uma perspectiva histórico-sociológica. Ancorado no materialismo histórico-dialético e fazendo uso de contribuições da teoria decolonial, compreendemos que a Era do Desenvolvimento e seus discursos/práticas são partes fundamentais do processo global de hegemonização estadunidense no pós-Segunda Guerra, assim como funcionam como poderosas ferramentas de colonialidade. Como uma das alternativas para a superação das contradições desta realidade, apresentamos a contribuição da perspectiva pós-Desenvolvimentista do Bem-Viver para o enfrentamento dos problemas postos pelo Antropoceno e da ideologia do desenvolvimento, sem, contudo, desconsiderar os seus limites e impasses.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Bem-Viver; Antropoceno.

ABSTRACT

The following text discusses economic development from a historical-sociological perspective. Anchored in historical-dialectical materialism and making use of contributions from decolonial theory, we understand that the Development Era and its discourses/practices are fundamental parts of the global process of US hegemony in the post-World War II period, as well as functioning as powerful tools of coloniality. As one of the alternatives for overcoming the contradictions of this reality, we present the contribution of the post-Development perspective of Bem-Viver to face the problems posed by the Anthropocene and the ideology of development, without, however, disregarding its limits and impasses.

Keywords: Development. Bem-Viver. Anthropocene.

1 Universidade Estadual de Campinas (doutorando); Mestre em Ciências Sociais (UFMA); tauan.almeida@gmail.com.

2 Universidade Federal do Maranhão; Universidade de São Paulo; Mestre em Políticas Públicas (UFMA); jgondimsilva@gmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

1 INTRODUÇÃO

Começamos com uma fala provocativa de Aráoz (2020, p. 21):

Ainda que pareça mentira, no século XXI seguimos enjaulados - material e espiritualmente, econômica e politicamente, cultural e geograficamente - dentro dos parâmetros, dispositivos e mecanismos de uma formação geossocial de caráter colonial.

De acordo com Gómez (2002), pensar as estratégias de acumulação e reprodução do capital utilizando-se o termo *desenvolvimento* é algo recente, sendo que a discussão sobre desenvolvimento econômico emerge no contexto pós-Segunda Guerra Mundial para enfrentar suas consequências e a reconfiguração do poder capitalista mundial no período (CARDOSO, 2018; QUIJANO, 2000; ESCOBAR, 2007; GROSGOUEL, 2018). Esteva (2000), assim como Quijano (2000) e Escobar (2007), considera que a noção de desenvolvimento, dentro do pensamento moderno e se referindo ao domínio dos assuntos relacionados às sociedades e à história, *não possui concorrentes em termos de influência sobre comportamentos e formas de pensar*.

O presente texto está situado na arena de debates a respeito do desenvolvimento econômico a partir de uma perspectiva histórico-sociológica. É produto de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo ancorada no materialismo histórico-dialético, pois tratamos este tema compreendendo-o como parte integrante da totalidade social, historicamente produzida a partir da práxis humana. Utilizamos, também, a contribuição dos debates teóricos desenvolvidos a partir das perspectivas decoloniais que possam ajudar a lançar luzes sobre o objeto. Objetivamos, com este texto, registrar uma reflexão acerca da crítica ao ideário e às práticas de desenvolvimento econômico compreendidos a partir da existência de expedientes imperialistas de dominação sobre territórios do chamado Sul Global e

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

como lógicas pós-desenvolvimentistas, como por exemplo, o Bem Viver, podem atuar na construção de alternativas societárias diante dos desafios incontornáveis postos pelo Antropoceno.

2. A ERA DO DESENVOLVIMENTO E SEUS DESCONTENTES

Conforme Esteva (2000), o termo desenvolvimento ganha significado mais preciso a partir do contexto histórico de sua utilização. Como aponta Radomsky (2011), amparado por Escobar (2007) e Quijano (2000), neste sentido, o discurso do desenvolvimento, já no contexto pós-Segunda Guerra e mesmo no contexto de crise do ideário desenvolvimentista da época de ouro do capitalismo a partir dos anos 1970, experimenta um grau considerável de *persistência, alimentando esperanças de superação da pobreza e desigualdade entre parcelas populacionais consideráveis*. Tal poder de influência chega ao ponto em que, em nome do *desenvolvimento*, degradações ambientais e sociais sejam vistas como um mal necessário como, por exemplo, no contexto das práticas do extrativismo e do neoextrativismo (ACOSTA, 2016). Por tratar-se, ao lado de um processo sócio-econômico, *também de um regime discursivo, a noção de desenvolvimento coloniza o real* (ARÁOZ, 2020) e, involucrado com uma *aparência/legitimidade científica*, estabelece critérios de validade/invalidade e possibilidade de pensar e agir (ESCOBAR, 2007), tal qual o *realismo capitalista* que busca desacreditar/barrar/punir qualquer possibilidade emancipatória (FISHER, 2000; BADIOU, 2017). Como lembra Quijano (2000), a aspiração ao desenvolvimento se fez *virtualmente universal*: pensar contrariamente ao desenvolvimento é visto como insânia ou um projeto de atraso.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Apoiando-se em tal capacidade de influenciar pensamentos e ações e acionando este *sentido de mudança sempre favorável*, uma série de promessas são feitas em nome do desenvolvimento, o qual geralmente é associado a um modelo específico de “modernização”. O discurso de posse proferido pelo então presidente estadunidense Harry Truman, em 20 de janeiro de 1949, é considerado, nesta tradição crítica, como marco simbólico da data em que foi acionada *uma concepção de desenvolvimento que se mostrou sem precedentes em termos de legitimidade, aceitação e influência no cenário político mundial* (ESTEVA, 2000; LANG, 2016; ACOSTA, 2016; ESCOBAR, 2007; BARRAGÁN et al., 2016).

Desde os anos 1950, portanto, os EUA e outros países integrantes do centro do sistema-mundo capitalista que se juntaram a eles nessa autoproclamada missão, exportaram seu *modo de vida imperial* através da ideologia do desenvolvimento industrial, a qual serviu aos seus próprios interesses econômicos e também militares no contexto da Guerra Fria sob o pretexto de *ajudar as regiões subdesenvolvidas do planeta* (ESTEVA, 2000; FURTADO, 2008; ACOSTA, 2016; ESCOBAR, 2007). Brand e Wissen (2021, p.45) denominam como *Modo de Vida Imperial* esta forma de ser e estar no mundo que “está por trás do cotidiano de produção e consumo da população do Norte Global”, *a qual foi apresentada como o único caminho civilizacional possível para o restante do mundo*.

Conforme Acosta (2016) e Escobar (2007), o “*american way of life*” que *atravessa a ideia de desenvolvimento*, por exemplo, expressa uma crença profunda do Norte Global de que *suas sociedades ocupam o topo de uma única trajetória unilinear de evolução*. Todos os grupos humanos deveriam emular tais sociedades do centro capitalista e seu *modo de vida imperial*. De acordo com Escobar (2007), a Doutrina Truman tinha um núcleo bastante discernível: *as sociedades consideradas*

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

avançadas deveriam ser o espelho das atrasadas. Isso representava, na prática, altos níveis de industrialização e urbanização, agricultura modernizada, crescimento da produção material e, no campo simbólico, adoção de valores e práticas pedagógicas consideradas modernas. Em suma: o capital, a ciência e a tecnologia seriam os arautos messiânicos que trariam a redenção uma terra vista como atrasada e miserável e seu povo.

Neste contexto, foram desenvolvidos planos e programas de desenvolvimento, bancos que visavam financiar e pôr em práticas tais planos e toda uma gramática que pretensamente *arrancaria os povos do Sul Global do seu atraso*, não por caminhos autônomos, mas sim, pela mera *imitação de um padrão imposto de existência e organização social* (ESCOBAR, 2007). Não à toa, órgãos centrais no sistema-mundo capitalista tais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial sentiram-se autorizados a cometer, em nome do *desenvolvimento* e do afugentamento da *ameaça soviética*, uma série de ingerências econômicas nos países vistos como atrasados ou que não alimentavam as *instituições corretas*, tais como a democracia nos moldes liberais e seus acessórios anódinos como a liberdade abstrata, etc. (ACOSTA, 2016).

Certamente, não podemos afirmar que o *desenvolvimentismo* se trata de um bloco monolítico ou estático. Reformulações e divergências podem ser encontradas no interior do seu processo histórico de produção, inclusive teórica. Além disso, o que fora considerado como erros e limites dos conceitos e práticas motivaram adequações. É nesta direção que Quijano (2000, p. 73) aponta quando afirma:

Desarrollo es un término de azarosa biografía en América Latina. Desde la Segunda Guerra Mundial ha cambiado muchas veces de identidad y de apellido, tironeado entre un consistente reduccionismo economicista y los insistentes reclamos de todas las otras dimensiones de la existencia social.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Concordamos com Acosta (2016, p. 29. Grifos Nossos) quando este afirma que para se “trilhar um caminho diferente, é preciso superar o objetivo básico e os motores do modelo ocidental de desenvolvimento. Deve-se propiciar *uma transformação radical das concepções e linguagens convencionais do desenvolvimento e, sobretudo, do progresso*”. Se Wallerstein (2007) afirma que o estabelecimento e espraiamento sistema-mundo europeu/estadunidense envolveu, sob formas violentas, é evidente, a exportação de um certo conjunto espiritual composto pelas ideias pretensamente neutras e universais expressas em *democracia/direitos humanos, a civilização e o mercado*, nós incluímos o *desenvolvimento e sua ideologia* como elemento fundamental de manutenção de relações de colonialidade estabelecidas entre o centro e a periferia do sistema-mundo capitalista.

Mas, podemos questionar seriamente, quais seriam as alternativas socialmente viáveis ao desenvolvimento? É evidente que as respostas a uma questão dessas não são simples e nem se encontram facilmente dadas. Na próxima seção do texto apresentaremos algumas indicações teóricas que, a partir da América do Sul, podem nos ajudar a imaginar outros mundos possíveis e atuar na sua construção.

3. DO QUE FALAM, EXATAMENTE, E O QUE PROPÕEM, ENTÃO, OS CRÍTICOS DO DESENVOLVIMENTO? A NOÇÃO DE COLONIALIDADE COMO UMA DAS CHAVES DA CRÍTICA E A PERSPECTIVA DO BEM VIVER COMO UM HORIZONTE POLÍTICO.

Uma pergunta é recorrente quando se traz para o debate público os emaranhados de contradições que subjazem à noção de desenvolvimento: *vocês não querem que a vida das pessoas melhore?* Uma outra, ainda no mesmo espírito,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



também é muito acionada: *vocês querem viver uma vida primitiva e negar os avanços e o conforto do progresso e do desenvolvimento?* Para responder a tal pergunta, um olhar em retrospectiva, *a partir da perspectiva dos vencidos* (BENJAMIN, 2020), se faz imprescindível:

Passaram-se sete décadas desde que se prometeu ao Sul que, por meio do “desenvolvimento”, este poderia participar do modo de vida dos países industrializados do Norte. Um acesso ao consumo praticamente ilimitado, combinado com uma carreira individual autogerida. Isso tudo nos foi vendido como a essência da qualidade de vida (LANG, 2016, p. 27).

Ou, nas palavras de Escobar (2007, p. 12-21):

en vez del reino de abundancia prometido por teóricos y políticos de los años cincuenta, el discurso y la estrategia del desarrollo produjeron lo contrario: miseria y subdesarrollo masivos, explotación y opresión sin nombre. La crisis de la deuda, la hambruna (saheliana), la creciente pobreza, desnutrición y violencia son apenas los síntomas más patéticos del fracaso de cincuenta años de desarrollo.

A forma de vida prometida pelo discurso do desenvolvimento *corresponde a uma porção diminuta da diversidade humana que habita o planeta e foi conseguida a partir de relações que submeteram os territórios do Sul global e seus povos a profundas relações de espoliação biofísica e humana mantidas por arraigadas relações coloniais*: para que tal padrão pudesse ser mantido. Se pensarmos que tal padrão de vida corresponde ao que Brand e Wissen (2021) denominam como *modo de vida imperial*, é evidente que, no paroxismo da percepção da gravíssima crise ambiental contemporânea, essa miragem de um bem-estar garantido nos mesmos termos dos países do Norte é um disparate patético, no mínimo. De acordo com Brand e Wissen (2021, p.50):

A crise ecológica deve (...) ser reconhecida pelo que de fato é: uma clara indicação de que os padrões de produção e consumo do Norte global, que se desenvolveram com o capitalismo e hoje se tornaram universais, só

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

podem ser preservados em sua condição moderna à custa de ainda mais violência, destruição ecológica e sofrimento humano.

Há uma produção crítica na (e da) América Latina que busca resgatar justamente os modos de viver, produzir e de saber que foram soterrados pelos entulhos da modernidade capitalista, com a autoproclamada centralidade europeia (DUSSEL, 2005) e de suas narrativas a respeito de sua pretensa universalidade (WALLERSTEIN, 2007), demonstrando os mecanismos de tais subjugações e de funcionamento do sistema moderno/capitalista/colonial que os produzem. Partindo do *giro decolonial*, tal produção, que é plural, reconhece o enraizamento das relações de *colonialidade* inscritas nos discursos do desenvolvimento, em suas múltiplas dimensões.

Colonialidade é uma noção central para compreender tais dinâmicas e fundamentar a crítica ao desenvolvimento e ao capitalismo nas periferias do sistema-mundo (QUIJANO, 2000). Desenvolvido por Aníbal Quijano para dar conta do fato de que *a colonialidade ultrapassa temporalmente as relações coloniais rompidas com os diversos movimentos de libertação nacional*, tal conceito pode ser utilizado para analisar relações estabelecidas entre países quando, em nome do desenvolvimento, relações de poder extremamente assimétricas são estabelecidas, produzindo papéis hierárquicos que, mesmo sem a administração colonial clássica, reproduzem a *lógica colonial*, escapando da antiga *diferença colonial* estabelecida, pois, nas novas configurações de poder, *a diferença colonial está em todos os lugares, nas periferias dos centros e nos centros das próprias periferias* (MIGNOLO, 2003). É no espaço da *diferença colonial* que o *modo de vida imperial* é posto como o único horizonte possível através de processos *materiais e simbólicos* complexos.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



A exportação do *modo de vida imperial* é possível graças a tais relações de colonialidade que atravessam as dinâmicas do sistema-mundo capitalista. Mignolo (2003, p. 39) afirma que a “identificação dos povos de acordo com suas faltas ou excessos é uma marca fundamental da diferença colonial, produzida e reproduzida pela colonialidade do poder – em particular, o poder colonial”. Esteva (2000) considera que a *marca da falta* se expressa, inclusive, na própria ideia de *subdesenvolvimento*. Evidentemente, não se trata de um *elogio à condição subalterna* à qual nossos povos foram submetidos no espraiamento do sistema-mundo capitalista e um desejo pela manutenção de condições materialmente degradantes, mas sim que *as referências* – ancoradas em processualidades materiais discerníveis e concretas –, *produzidas no Norte Global e que estabelecem os marcos do desenvolvimento, ao não corresponderem às dinâmicas de vida historicamente produzidas por essas civilizações, acabam por roubar a sua autonomia para produzir o seu bem-estar dentro de seus próprios referenciais*.

Lang (2016) é enfática: está-se pensando, a partir da crítica ao desenvolvimento e de sua ideologia nos termos já apresentados, em movimentos *pós-desenvolvimentistas*, ou seja, que colocam, como *horizonte civilizatório*, outros *marcos*. É importante insistir em um ponto. Longe de um horizonte romântico e conservador que busca *retornar a um passado idílico das populações originárias dos territórios posteriormente nomeados como pertencentes à América do Sul*, tais produções intelectuais/políticas insistem em reorientações políticas fundamentais para que o bem-estar *de los pueblos* seja alcançado sem que as aspirações de uma pequena parcela do mundo, historicamente dominante, continue a ser a bússola dos seus desejos por um futuro digno. Não se trata, por suposto, de um *culto de um “primitivismo” - na lógica eurocêntrica – não contaminado pela ganância capitalista*,

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



mas sim, um processo político dinâmico e autônomo de autodeterminação de seus próprios destinos.

Além disso, são produções intelectuais vinculadas à atividades práticas que garantiram e garantem sobrevivências simbólicas e materiais que correm às margens da modernidade capitalista, ainda que isso não signifique, obviamente, uma independência absoluta em relação ao *mundo das mercadorias* (MARX, 2013). Conforme Lang (2016), a produção de *alternativas ao desenvolvimento envolve reconhecer e recuperar os próprios saberes e as cosmovisões dos povos do Sul Global*, opondo-se à ampliação do *modo de vida imperial* como única forma de sociabilidade possível.

Durante o ciclo de governos progressistas do início do século XXI, mas acumulando uma trajetória de lutas e debates mais antiga, a América Latina foi palco de experimentações societárias e de debates renovados que visavam a construção de alternativas ao desenvolvimento (GUDYNAS, 2011; LANG, 2016).

Como elementos norteadores destas alternativas, Lang (2016, p. 34) sinaliza:

colaboração em vez da concorrência que o capitalismo promove; a valorização da convivencialidade; a importância da autonomia, da autogestão e dos processos construídos localmente a partir de baixo; o respeito à diversidade e o valor central da deliberação; a democratização da economia e da tecnologia; a transformação da propriedade privada em propriedade social (que não é o mesmo que propriedade estatal) ou em comuns; a soberania alimentar.

A noção de *Bem Viver* ocupa importante lugar nos espaços de construção coletiva de resistências e alternativas ao desenvolvimento. Trata-se de uma forma plural de compreensão do mundo que resgata pontos de cosmologias e ontologias de povos que estiveram sob dominação colonial e cujas relações de colonialidade impostas pelo Norte Global, *os faziam ver suas formas de ser e estar no mundo, sob aspectos materiais e/ou simbólicos, como inferiores e fadados ao*

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

desaparecimento. Mas, mesmo sob tais pressões e riscos de aniquilação física e de suas memórias, produziram formas de relacionamento com a natureza diametralmente opostas às produzidas pelo modo de produção capitalista, pois não consideram-se, em sua diversidade, como *ontologicamente separados desta*. Hoje, na *antessala de um desastre planetário*, há muito o que se aprender com tais povos, os quais não são meros *objetos* de adoração piedosa alimentado pela culpa, mas sim, *atores políticos ativos* com os quais devemos travar *diálogos horizontais* na formulação de políticas públicas e econômicas que apostem na possibilidade da existência de um futuro: O *Bem Viver* aponta para outro horizonte de existência, profundamente distinto do que produziu o Antropoceno. Para Acosta (2016, p. 33):

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementaridade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida.

Bem Viver ou *Buen Vivir*, *Vivir Bien*, *Sumak Kawsay* (idioma kichwa), *Suma Qamaña* (idioma aymara) ou *Nhandereko* (idioma guarani) são formas possíveis de representar esta perspectiva que não deve ser confundida com uma *nova forma de desenvolvimento* (ACOSTA, 2016). O Bem Viver coloca novos e complexos desafios políticos e jurídicos ao Estado, pois, em diversos contextos da América do Sul, isto envolve a construção do reconhecimento de um Estado pluriétnico, o qual deve incorporar “códigos culturais dos povos e nacionalidades indígenas” (ACOSTA, 2016, p. 26). Se concordamos com Escobar (2007) e pensamos que *é possível pensar em lógicas pós-desenvolvimentistas*, algumas questões importantes se colocam: 1) não faremos isso a partir de uma aceitação acrítica das receitas neoliberais, as quais “*benefician a capitalistas y sectores dominantes del mundo y*

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

perjudican a los trabajadores, al ambiente, a los subalternos y a las culturas diferentes” (ESCOBAR, 2007, p. 13); 2) este movimento não é alimentado por uma tecnofobia ou por idealizações românticas, conforme anteriormente apresentado, pois a incorporação tecnológica “*no tiene que ser catastrófica para los grupos populares y el ambiente*” (ESCOBAR, 2007, p. 13). Ainda neste sentido, conforme Acosta (2016, p. 58):

Sem ignorar as vantagens que podem ser obtidas com os avanços tecnológicos, queremos superar as visões ingênuas e até mesmo simplórias com que são recebidos estes “avanços”. E, sem negar os elementos positivos da ciência e da tecnologia, há que se compreender o que representam os elementos fundacionais das ideias ainda dominantes de progresso e civilização: ideias que amamentaram o desenvolvimento, convertendo-o em uma ferramenta neocolonial e imperial.

Evidentemente, o Bem Viver encontra limites objetivos para ser realizado sob o modo de produção capitalista e sua lógica orientada exclusivamente para a sua auto replicação em detrimento da manutenção do ambiente biofísico e das espécies que o compõem, incluindo a humana. Desta forma, o Bem Viver encontra-se como uma aposta *para além do capital* (MÉSZÁROS, 2012). Exige a transmutação da própria ética antropocêntrica para uma ética biocêntrica que abandone a perspectiva de que a Natureza corresponde, somente, a algo a ser controlado e manipulado em função de sua *utilidade econômica* (GUDYNAS, 2019), assim como exige que se abandone a exclusividade das ferramentas heurísticas legadas pela modernidade capitalista, tais como a *crença no progresso ilimitado* e as *compreensões tradicionais de desenvolvimento fundadas no discurso hegemônico do ocidente capitalista e suas respectivas práticas de dominação, opressão e exploração* (ACOSTA, 2016). Para Escobar (2007), ir *para além do desenvolvimento* significa construir novas formas de sociabilidade, envolvendo cultura, economia, política e

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

tecnologia. As tarefas são enormes, certamente, e a arena de disputa é permeada por forças desiguais. Mas o horizonte de lutas e resistência está sempre aberto, *assim nos mostram os povos da América do Sul.*

4. CONCLUSÃO

A discussão crítica sobre a chamada Era do Desenvolvimento, se feita a partir da perspectiva dos vencidos (BENJAMIN, 2020), revela sua contra-face. Neste texto, consideramos a Era do Desenvolvimento como parte integrante do processo global de tomada de hegemonia dos Estados Unidos após a Segunda Guerra. Ancorado na perspectiva do *progresso*, o modo de vida europeu/estadunidense foi estabelecido como a única forma de habitar o planeta, impondo a inúmeros territórios dinâmicas societárias estranhas e, não raro, deletérias aos povos e seu entorno.

No contexto de enfrentamentos da crise ambiental que marca o Antropoceno, o Bem-Viver foi aqui apresentado como uma contribuição fundamental para a superação das lógicas desenvolvimentistas cuja crítica aqui apresentamos e para a garantia do bem-estar dos povos do nosso continente, respeitando suas formas de viver, se organizar, produzir e compreender, e garantindo uma sustentabilidade *qualitativamente superior* à defendida pelos insossos discursos do desenvolvimento sustentável elaborado por agentes atrelados à manutenção do sistema sociometabólico do capital. Evidentemente, não se trata de nenhuma saída miraculosa que, num passe de mágica, resolverá todos os problemas existentes. Além disso, como alternativa que *pode estar para além do capital*, há limites históricos, políticos, sociais, culturais e econômicos cuja negligência a seu respeito nada mais é do que tola ilusão. Sua efetividade depende da organização ampla dos

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



povos, disputas políticas e simbólicas, envolve a resistência de grupos dominantes, etc. Porém, para escapar do abismo da extinção que se avizinha, consideramos que levar a sério esta empreitada de construção do Bem-Viver é *uma das primordiais tarefas do nosso tempo histórico*.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade pra imaginar outros mundos. Trad.: Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ARÁOZ, Horácio Machado. **Mineração, genealogia do desastre**: o extrativismo na América Latina como origem da modernidade. Trad.: João Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

BADIOU, Alain. **Em busca do real perdido**. Trad.: Fernando Scheibe. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BRAND, Ulrich; WISSEN, Markus. **Modo de Vida Imperial**: sobre a exploração dos seres humanos e da natureza no capitalismo global. Trad.: Marcela Couto. São Paulo: Elefante, 2021.

CARDOSO, Fernanda. **Nove Clássicos do Desenvolvimento Econômico**. Jundiaí: Paco, 2018.

QUIJANO, Aníbal. El Fantasma del Desarrollo en América Latina. **Rev. Venez. de Econ. y Ciencias Sociales**, 2000, Vol.6, nº 2 (mayo-agosto), pp. 73-90. Disponível em: <<https://red.pucp.edu.pe/ridei/wp-content/uploads/biblioteca/100520.pdf>>. Acesso em: 23/02/2023.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (org). **A Colonialidade do Saber: Eurocentrismo e ciências sociais**: Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLASCO, 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.clasco.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>. Acesso em: 26/03/2022.

ESCOBAR, Arturo. **La Invención del Tercer Mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007. Disponível em: <<https://cronicon.net/paginas/Documentos/No.10.pdf>>. Acesso em: 23/02/2023.

GROSGUÉL, Ramón. Desenvolvimentismo, Modernidade e Teoria da Dependência na América Latina. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 2 (1), pp. 10-43, 2018.

ESTEVA, Gustavo. Desenvolvimento. In: SACHS, Wolfgang (org). **Dicionário do Desenvolvimento**. Guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Voze, 2000. LANG, Miriam. Introdução: Alternativas ao Desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard;

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (orgs). **Descolonizar o Imaginário**: debates sobre o pós-extratativismo e alternativas ao desenvolvimento. Trad: Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista**: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Trad.: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FURTADO, Celso. Da Ideologia do Progresso à do Desenvolvimento. In: FURTADO, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOMÉZ, José Ramon Montenegro. Crítica ao conceito de desenvolvimento. **Revista PEGADA**: A Revista da Geografia do Trabalho, v. 3, n. 1, pp. 1-13, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/3nflSUE>>. Acesso em: 23/02/2023.

GUDYNAS, Eduardo. Desarrollo, Derechos de la Naturaleza y Buen Vivir después de Montecristi. In: WEBER, Gabriela (org). **Debates sobre cooperación y modelos de desarrollo**: Perspectivas desde la sociedad civil en el Ecuador. Quito: Centro de Investigaciones CIUDAD y Observatorio de la Cooperación al Desarrollo, 2011.

GUDYNAS, Eduardo. **Direito da Natureza**: ética biocêntrica e políticas ambientais. Trad.: Igor Ojeda. São Paulo: Elefante, 2019.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, Istiván. **O Século XXI**: socialismo ou barbárie? Trad.: Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2012.

RADOMSKY, G. Desenvolvimento, pós-estruturalismo e pós-desenvolvimento: a crítica da modernidade e a emergência de "modernidades" alternativas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2011;26(75):149-62.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Universalismo Europeu**: a retórica do pdoer. Trad.: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2007.

PROMOÇÃO



APOIO

